

## TEMPO DA CRIAÇÃO

### *Homilia, Setembro de 2021*

Criar é, por excelência, um acto de amor! O artista, ao criar, coloca na obra que realiza todas as suas faculdades como expressão da riqueza de que é dotado. A obra é a concretização do amor com que o artista a elaborou. Daí que as obras de arte mereçam todo o respeito; danificá-las é uma ofensa ao artista.

Também a criação é fruto do inextinguível amor de Deus. Na Encíclica *Laudato Si* podemos ler: “A criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai” (LS 76). O universo é, por assim dizer, o transbordar da própria vida da Santa Trindade na plenitude do amor que se expande e se entrega. É tão grande e excessivo este amor, que dele brotou com toda a naturalidade o universo. Mais à frente refere a Encíclica: “Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus.” (LS 84)

Habitualmente pensamos que a criação se verificou há milhões de anos atrás e que assim foi evoluindo até aos nossos dias. Está certo! Mas não é tudo. O amor criador de Deus está em contínua criação de tudo o que existe. É Ele que está a dar existência a todas as realidades. Se por hipótese, neste momento, o amor de Deus deixasse de me criar, desaparecia, deixava de existir. O amor do Senhor está-nos a criar a cada momento da nossa existência. Deus não nos criou, está-nos a criar, tal é o amor que nos tem. O que se passa connosco, passa-se com todas as realidades materiais e culturais. O amor criador do Senhor está a cada momento a manter na existência as inúmeras criaturas que constituem o maravilhoso mundo que habitamos. A criação não foi. A criação é, está a ser!

Por isso, dizemos que Deus está presente em nós e em todas as criaturas. Todas as realidades, desde as mais pequenas e até às maiores, passando pelas mais complexas, são sagradas porque habitadas pelo amor criador do Senhor. A *Laudato Si* (LS 80) afirma: “Ele [Deus] está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia da sua criatura, e isto dá lugar também à legítima autonomia das realidades terrenas. Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, ‘é a continuação da acção criadora’.” Como não nos devem merecer respeito todas as criaturas chamadas e sustentadas na existência por este imenso amor do Senhor? É também através delas que o Senhor entra em diálogo connosco. Como nos interpela a beleza das maravilhosas paisagens das montanhas ou da vastidão do mar? Ou o requinte do desenho de uma simples flor e de uma asa de borboleta? Ou a capacidade organizativa do computador e dos carros que não necessitam de condutor? Tudo está a exigir um olhar que não se fique pelo exterior, mas que vá mais fundo e descubra o maravilhoso amor de Deus inserido em cada realidade. Tudo leva o selo da autenticidade do amor de Deus. «Deus vendo a sua obra, considerou-a muito boa» (Gn 1, 31).

Perante o imenso amor de Deus que nos oferece, com grande naturalidade e harmonia, tão grande quantidade de criaturas para que delas possamos viver e dispor, é importante que tenhamos

consciência da responsabilidade que nos cabe. Como seres livres e com capacidade de escolha, somos os únicos que podemos melhorar ou estragar o maravilhoso património em que vivemos. Ninguém pode fugir a esta responsabilidade. Aliás, como cristãos, somos conscientes que o bom ou o mau uso da criação determina a nossa relação connosco mesmos, com os nossos irmãos e irmãs, com as coisas e, em última análise, com o Senhor do universo. Ele que, por amor, tudo está a criar para nosso bem, é defraudado pelo mau uso que fazemos daquilo que coloca à nossa disposição.

«O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar.» (*Gn 2, 15*) Mas, infelizmente, como é do conhecimento de todos, temos usado e abusado dos bens que nos foram entregues. De tal modo temos estragado o que com tanto amor nos foi dado, que estamos a pôr em risco a sobrevivência de muitos dos nossos irmãos e irmãs. Mais! A degradação é tal, que o belo planeta azul em que vivemos se pode tornar inóspito à vida humana. Grave e grande é a nossa responsabilidade. A *Laudato Si (LS 204)* adverte: «Quando as pessoas se tronam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objectos para comprar, possuir e consumir.»

Por isso, o Papa Francisco, não se cansa de nos chamar à atenção para a urgente necessidade de alterarmos o nosso estilo de vida, se queremos travar o acelerado ritmo de degradação a que a vida em sociedade nos está a levar. Ele tem esperança, pelo que afirma: «Mas nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se (...).» (*LS 205*) E não se importa de baixar aos pormenores do dia a dia: «É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas acções diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas, até dar forma a um estilo de vida. A educação para a responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência directa e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso do plástico e do papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar luzes desnecessárias...» (*LS 211*) E mais á frente: «E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo.» (*LS 212*)

Que a contemplação da beleza da multiforme variedade de criaturas criadas e habitadas pelo Senhor nos consciencialize da urgência de alterarmos os nossos hábitos de vida. Perante a grandeza do que nos foi dado e perante a degradação ambiental, é dever de consciência cristã concretizar novas maneiras de proceder, já que «o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo.» (*LS 212*)

*P. José Carlos Belchior, S.J.*